

ANTIFACHO



MAIS DO QUE TUDO, 25 DE ABRIL TROUXE-NOS A LIBERDADE

Grupo Antifascista Miguel Torga

Quarenta e sete anos depois, como podemos celebrar o «dia inicial inteiro e limpo», em que foi derrubada a escura e longa noite do fascismo? Como podemos impedir uma nova noite que nos espreita? Como se luta hoje contra o fascismo?

Ir para a rua gritar a nossa oposição à possibilidade desse retorno é um dos meios, mas deve ser usado pontualmente e com discernimento, caso contrário poderá tornar-se banal e perder eficácia. Importante mesmo é o que se pode fazer no dia a dia.

Vivemos numa época que poucos anteviam há meio século. Uma época claramente de decadência de um sistema capitalista e imperialista, que utiliza novos moldes para sobreviver. Já há muito que surgem aqui e ali atitudes de desagrado com este status quo que tem levado grupos diversos a tentarem novas formas de viver. É uma forma de protesto.

Ora é hora de fazermos mais do que protestar. É hora de agir. Temos, se queremos levar este sistema ao fim da sua ruína e construir um novo, de trabalhar concretamente para isso.

Aproveitemos todas as brechas para começarmos a erigir novas formas sociais. Que queremos? Ainda mais Liberdade: organizemo-nos para novas formas de exercer a democracia mais

amplas, mais equitáveis; organizemo-nos em torno da defesa dos bens comuns, da defesa do território e do planeta, de participação nas instâncias do poder. Organizemo-nos em torno dos direitos humanos e sociais: por uma partilha equitável da abundância; pela defesa e melhoramento do Serviço Nacional de Saúde, que Abril também nos trouxe, por uma Educação que seja verdadeiramente moderna tanto na forma como no conteúdo. Organizemo-nos em torno dos direitos de todos, com especial incidência nos que menos direitos têm e mais sofrem com essa falta: as mulheres, as pessoas LGBTQI+, as comunidades de outras etnias. Organizemo-nos para pressionar mudanças legislativas que tenham em conta as realidades actuais: no trabalho, no direito das empresas, na restituição do estado como garante social, nos mercados, acabando com a sua desregulação e a sua apropriação pela finança privada.

Diariamente podemos contribuir para a mudança: nas nossas relações pessoais, no nosso bairro, na nossa terra, participar activamente nas discussões e decisões dos órgãos locais, nas actividades associativas, nos grupos de interesses, nos partidos políticos; podemos pedir contas aos órgãos que nos governam, exigir mais democracia e mais transparéncia em todos os processos a todos os níveis, podemos assinar peti-

ções; podemos mudar o nosso modo de trabalhar tornando-o mais cooperativo, fazendo jus ao que Abril nos trouxe: a liberdade de nos exprimirmos, a liberdade de agirmos. Só assim podemos reclamar a democracia como nossa, alargá-la e transformá-la numa democracia de todos.

“Vivemos numa época de decadência de um sistema capitalista, que utiliza novos moldes para sobreviver.

Sim, os fascismos andam por aí. Estão a aproveitar em benefício próprio tudo o que descuramos com a nossa falta de intervenção nas pequenas e grandes tarefas que proporcionarão uma vida mais justa para todos no presente e principalmente para as futuras gerações. Embora o seu objectivo – uma sociedade totalitária e estratificada, ainda mais desigual –, estes novos fascismos funcionam de forma diferente dos que nos estão historicamente mais próximos. Portanto temos de ser criativos nas nossas respostas, encontrar formas de os pôr em xeque, barrando-lhes o caminho e, finalmente, dar-lhes mate. É uma tarefa árdua, penosa e de médio ou mesmo longo prazo. Teremos a coragem de a levar em frente?

PELA ILEGALIZAÇÃO DO CHEGA

Núcleo Antifascista de Barcelos



A medida que vemos uma extrema-direita a crescer a passos largos por toda a Europa, enquanto que é retirado ao povo o seu chão, o CHEGA, aparece neste cenário intolerável, com discursos populistas de moralidade pública. André Ventura, proclama-se “Salvador da Pátria”, tentando ocultar o seu lado fascista e extremista, dizendo que irá combater a corrupção, quando na verdade apenas quer o seu monopólio.

O passado do “cabeça” do CHEGA coloca inúmeras reticências à sua boa vontade perante o povo português. Trabalhou como inspetor tributário, cargo onde o seu papel não foi só “raios de sol”, onde de tudo fez para ilibar a empresa Intelligent Life Solutions (ILS) de pagar mais de 1 milhão de euros em IVA. Não será esta a corrupção que este senhor tanto martiriza e diz combater?

Nestes últimos tempos muita tinta correu na imprensa sobre o CHEGA e a sua associação à extrema-direita e o que todos nós perguntamos é: Como é que um partido fascista é legal em Portugal? Bem, a resposta não é clara.

Segundo o art. 46.º, n.º 4 da Constituição da República Portuguesa é proibida a criação de partidos e organizações “racistas ou que perfilhem a ideologia fascista”. Sendo que esta exigência é novamente exposta na Lei dos partidos, no artigo nº 8. O CHEGA não só é um partido fascista, como também é um partido racista, apesar da ideologia fascista, uma ideologia que se apoia muito na exasperação da ideia de nação – tenha inúmeras circunstâncias

de componentes racistas, diretamente relacionadas ao apelo de uma hipotética “superioridade racial” da nação. As moções apresentadas pelo CHEGA afetam a dignidade humana.

Por muito que Ventura queira dissimular os pensamentos de uma nação, não há como fugir: o CHEGA detém uma afirmação política com um discurso racista, xenofóbico, intolerante e radicista, que é totalmente oposto aos valores fundamentais, como Ana Gomes afirma na Exposição dirigida à PGR Lucília Gago sobre o Partido CHEGA: “Desde que foi legalizado o Partido CHEGA, e especificamente durante a recente campanha para as eleições presidenciais, elementos da direção e militantes daquele Partido têm-se comportado de forma incompatível com princípios da democracia política”

É de realçar o estratagema de legalização do partido: MAIS DE 2500 ASSINATURAS FALSAS! Esta falsificação não foi valorizada pelo Tribunal Constitucional (TC), mesmo sendo considerada crime, acabando por aceitar a sua substituição por “outras assinaturas consideradas como regulares”.

Envolvendo novamente o Tribunal Constitucional, temos as alterações inseridas no Programa Político do CHEGA, mais uma vez, o TC “fechou os olhos” e não se dispôs a analisá-las. Aqui eram incluídas medidas opostas com os Estatutos analisados pelo Tribunal Constitucional, um atentado à Constituição da República Portuguesa.

De notar, que o CHEGA não tem ideia de melhorar a Constituição da Repúblí-

ca Portuguesa, mas sim de a aniquilar e constituir uma IV República. Com isso tenciona, privatizar Hospitais, Universidades, Escolas e vias de comunicação, bem como todas as empresas públicas. Um retrocesso na história de Portugal, dissolução do SNS e da Escola Pública.

Outro ponto alarmante e completamente obsoleto, é a defesa da pena de morte, assim como a amputação de mãos, sem esquecer a ideia absurda de Ventura de que existe carência de uma ditadura de “pessoas de bem”.

Através de ameaças racistas e contra minorias, Ventura tem mostrado o seu lado mais desumano, chegando mesmo a insultar a deputada Joacine Moreira. Este acontecimento deveu-se aquando da recusa, por André Ventura, do pagamento de uma multa que lhe foi outorgada por discriminação étnica. Joacine criticou o baixo valor da multa, ao que o líder do CHEGA respondeu: “Na Guiné é que estava bem”.

Podemos então concluir que o CHEGA é um partido que ameaça a Democracia, desrespeita os princípios do Estado Direito e da Democracia política, assim como as leis da República. Posto isto, exigimos que o Tribunal Constitucional detenha a sua função de defensor do Estado de Direito Democrático e ilegalize o Partido CHEGA.

O povo continuará a manifestar-se na RUA contra o fascismo!



NEM CORRUPTOS NEM FACHOS

Rede Unitária Antifascista

18 DE ABRIL

Praça Martim Moniz,
Lisboa às 16h00.

Junta-te a nós!

“E o que sentiu André Ventura quando a polícia lhe bateu à porta, por suspeitas de fazer parte de um esquema partidário que criou um saco azul de financiamento ilegal? Será que sentiu indignação? Quiçá um pouco de... vergonha?

O peração Marquês, finanças públicas, offshores, branqueamento de capitais, mentiras, fugas e corrupção: a promiscuidade entre a classe política e os grandes grupos económicos não tem pudores. Mais do que da responsabilidade de juízes e procuradores, a corrupção é parte inextricável do sistema, legitimada por gerações de políticos ao serviço do grande capital, em rotatividade permanente entre as administrações dos bancos, as grandes empresas, e cargos públicos. E enquanto vendem, delapidam e roubam o país, e a Justiça deixa os seus crimes prescrever, a classe trabalhadora luta por manter a cabeça à tona da água, a braços com uma crise económica e pandémica que se aproxima a passos largos, e que poderá não ter precedentes.

No entretanto, André Ventura, o grande oportunista, ladra de indignação perante o desfecho da instância que deixa cair os crimes de corrupção do ex-primeiro ministro, como se o lodaçal onde se movimenta não fosse o mesmo. O líder da extrema-direita já exercia funções como deputado, em 2019 e 2020, quando acumulava trabalho na Finpartner, empresa dedicada à evasão fiscal, que foi investigada por fraude fiscal em diversos processos. Sentir-se-á indignado, quando pensa nesse passado nada distante? André Ventura é tão corrupto quanto aqueles que ataca.

E que dizer do porta-voz do Chunga, que foi acusado de quatro crimes de apropriação ilícita, associação criminosa e administração danosa? Será, também, motivo de indignação?

E o que sentiu André Ventura quando foi investigado por corrupção autárquica, no mega-processo Tutti-Frutti? Quando a polícia lhe bateu à porta, por

suspeitas de fazer parte de um esquema partidário que criou um saco azul de financiamento ilegal através da contratação de um assessor fantasma para o seu gabinete de vereador na Câmara Municipal de Loures? Será que sentiu indignação? Quiçá um pouco de... vergonha?

Mas é com este discurso enganador que a extrema-direita se quer servir do modelo democrático para instaurar as suas pautas, socorrendo-se de um discurso populista, racista, pautado pela mentira, o nacionalismo exacerbado, uma pauta neoliberal e um moralismo religioso à laia de pauta de bons costumes. E a isso respondemos: NEM CORRUPTOS NEM FASCISTAS!

Dia 18, o povo sai à rua para marcar uma posição. Contra a extrema-direita, contra a corrupção, contra as desigualdades de um sistema decadente que nos explora, nos discrimina, nos rouba e nos mata, e nos tenta virar uns contra os outros, quando o inimigo são eles.

Em Abril, forças políticas reaccionárias, machistas, racistas, homofóbicas e anti-democráticas, realizarão uma marcha para pressionar o Tribunal Constitucional, para que esse não faça cumprir a Constituição da República Portuguesa nascida da Revolução de Abril de 1974 - mas não passarão.

Dia 18 de Abril é dia para que todxs ocupem as RUAS para deixar uma mensagem clara: sem justiça não há paz. NEM CORRUPTOS NEM FASCISTAS!

NÃO COMPACTUAREMOS COM A NORMALIZAÇÃO DA EXTREMA-DIREITA EM PORTUGAL, e NÃO ACEITAMOS A CORRUPÇÃO NO SISTEMA!

POESIA NA RUA

Seleção *Grupo Antifascista Miguel Torga*

A Revolução
teve uma flor
o cravo.
Não teve um animal
e, como tal,
proponho o elefante
tão paciente e sofredor
durante tanto ano
mas quando a paciência se esgotou
foi coisa de se ver
violento
eficaz
empolgante.
Depois, voltou a ser
lento
bom rapaz
algo distante.
Mas, atenção
nunca se viu morrer
um elefante!



CARLOS PINHÃO
BICHOS DE ABRIL



O FASCISMO COMBATE-SE NA RUA

A RUA pauta-se pela unidade e organização na ação contra o fascismo, machismo, racismo, xenofobia, LGBTQ+fobia e todas as outras formas de opressão. Junta-te a nós.

CONTACTA-NOS

[fb.com/Redeunitariantifascista](https://www.facebook.com/Redeunitariantifascista)

[@redeunitariaantifa](https://www.instagram.com/redeunitariaantifa)

www.antifascistas.pt

redeunitariaantifascista@protonmail.com